

*O romance e a voz - (A prosáica dialógica de Mikhail Bakhtin)* de Irene A. Machado ed. Imago/ FAPESP, 1995, 349 pp.

Mikhail Bakhtin é autor de uma obra vasta e original que começou a ser conhecida no Brasil pelo clássico *Problemas da poética de Dostoiévski* de 1929 (Ed. Forense-Universitária, 1981) e *A cultura popular na Idade média e no Renascimento; o contexto de François Rabelais* (1941) (Ed. Hucitec, 1987- tradução indireta), logo acompanhado por *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance* (1924) (Hucitec, 1988) e, mais recentemente, por *Estética da criação verbal* (1920-24) (Ed. Martins Fontes, 1992 - tradução indireta). Estava ainda previsto o lançamento de *Freudismo, uma crítica marxista* (1927), pela editora Hucitec, que também publicou, em 1979, (tradução indireta) *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) ambos assinados por V. N. Volochínov, membro do “círculo de Bakhtin” que, juntamente com P. N. Medviédev, segundo a opinião de alguns especialistas, teria emprestado o nome ao mestre, cerceado pela censura. Tanto do círculo de Bakhtin, como do próprio autor, há uma série de trabalhos ainda não publicados em português. Um deles, o importante *Sobre a Filosofia do Ato*, escrito por Bakhtin entre 1919-1921, descoberto em 1972 e publicado pela primeira vez na Rússia em 1986, trata das relações entre Ética e Estética, desenvolve conceitos como os da “responsabilidade/responsabilidade”, empatia, “transgrediência” etc. já abordados no primeiro capítulo de *Estética da criação verbal*, e propõe, numa síntese que revê ao mesmo tempo Kant e Husserl, o ato “realizado”, inspirado por “momentos ideais” como oposto ao nível do ato de motivação meramente biológica e/ou econômica.

Outro, *O método formal na crítica literária; uma introdução crítica à poética sociológica*, assinado por P.N. Medviédev e publicado em em 1928, analisando méritos e deméritos do Formalismo Russo — num estilo semelhante ao do *Freudismo, uma crítica marxista* de V. N. Volochhínov, mas bem diferente, a meu ver, daquele dos livros que Bakhtin assinou — foi objeto especial da investigação crítica de Irene P. Machado (*Analogia do dissimilar: Bakhtin e o Formalismo Russo*, Ed., Perspectiva, 1989), que agora publica *O romance e a voz a prosáica dialógica de Mikhail Bakhtin*, a reelaboração de sua Tese de Doutorado.

Conforme o título sugere, a abordagem da autora privilegia o estudo do dialogismo enquanto poética das vozes que se entrecruzam no romance enquanto gênero: as falas do discurso social comunicativo e as falas do discurso individual especulativo.

A vida se torna expressão, segundo Bakhtin, através das diferentes “enunciações” (falas, gestos, enfim, atos de autoria do indivíduo) que só se realizam quando alcançam o outro. “Viver, significa ser alvo da palavra dirigida”, dizia Martin Buber, um de seus mentores. Entende-se, em vista desta “ende-

reçabilidade”, quanto o dialogismo e o romance estejam providos de tensão ideológica: os exemplos felizes analisados pela autora são colhidos nos autores mais variados, de Cervantes a Calvino, passando pelos luso-brasileiros mais significativos. Assim é vista a máxima em Machado de Assis, a paródia em Eça de Queiroz, o fluxo de consciência em Proust, o discurso do imaginário em Verga, o discurso do outro, citado pelo narrador, e o “tom” do autor oculto, que tem o papel de energia formativa numa história que hoje, depois dos romances de Flaubert, “se conta a si própria” e onde, segundo Silviano Santiago, citado pela autora “o personagem surge da fala que é só dele”

À relação de interdependência existente entre as categorias de tempo e de espaço artisticamente assimiladas em literatura, a que Bakhtin dá o nome de “cronotopo” e que é responsável pela organização dos principais acontecimentos temáticos do gênero romanesco, é dedicada outra parte importante do estudo de Irene P. Machado. São analisados assim vários cronotopos do romance: da aventura, da vida privada, da praça pública etc. — sempre acompanhados de textos exemplificadores, como o cronotopo do corpo na obra de Rabelais ou a “visão cronotópica” de Goethe. Para caracterizá-la, a autora, entre outros exemplos, refere-se a um episódio estudado por Haroldo de Campos, (Folhetim n. 96, 1982), em que o velho Goethe, a caminho para uma estação de águas, decide visitar Frankfurt, a sua cidade natal.

Durante a viagem pela região renana de sua infância ele vê, por entre brumas, um arco-íris branco. O insólito fenômeno meteorológico é interpretado como presságio de uma “nova puberdade” pelo poeta naturalista. “A visão ( ... ) abre uma nova etapa da vida de Goethe, marcada pelo encontro com Marianne Jung e pelas traduções da poesia persa. Uma paixão marcada pela ‘sublimação e renúncia’ O que poderia ter sido vida virou texto” O arco-íris funciona como imagem cronotópica — explica a autora — por sintetizar uma experiência que se transformou em objeto estético.

A poética histórica de Bakhtin é confrontada, finalmente, com outras poéticas — a sociológica e a estruturalista, obrigatoriamente — de modo que, por exemplo, apesar das diferenças, vemos Bakhtin coincidir com Lukacs quanto à visão da História enquanto História da Consciência ou, apesar das semelhanças, discordar de Barthes, quando este declara a enunciação vazia e decreta a morte do autor. Mas ela é vista também pelo prisma de uma série de tendências contemporâneas, como a “Prosaics” norte-americana de Morson /Emerson que, criticando os métodos utilizados para estudar a poesia que também pretendam estudar a prosa, (incapazes, portanto, de revelar a “prosiness” da prosa e a “novelness” do romance), acreditam encontrar no método dialógico de Bakhtin um instrumental de análise adequado para suprir tal deficiência.

O que há de especialmente consolador neste estudo do romance como gênero em devir (o estágio literário mais próximo da consciência, segundo Hegel) é o balanço otimista de que nele “o destino não mais comanda”, uma vez que a

parte não é irreversível em relação ao todo, mas — como provou o psicólogo Vigótski, tão estimado por Bakhtin — ela pode ter efeitos recursivos em relação a ele. O que, num mundo cada vez mais determinista, como o nosso, é particularmente bem-vindo.

N.B.: O texto da presente resenha foi publicado, com algumas modificações, pelo *Jornal da Tarde*, em 15/04/95.

Aurora Fornoni Bernardini  
Professora de Pós-graduação em Russo e  
Teoria Literária e Literatura Comparada.